

Francis Ponge e o mundo político dos objetos

João Guilherme Paiva

paiva.guilherme@gmail.com

Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura

Universidade Federal do Rio de Janeiro

dobra

Resumo:

Este trabalho pretende fazer uma leitura da poética de Francis Ponge tendo em vista que a re-descrição das coisas – realizada por Ponge – investe, como política, em uma reorientação da ordem humana, em consonância ao livro *As pessoas e as coisas* (Roberto Esposito) e ao ensaio “O homem e as coisas” (Jean-Paul Sartre).

Palavras-chave: Poesia contemporânea; política da arte; objetos.

Metarmorfoses sólidas

As formas de Ponge não se dissolvem liquidamente, nem gasosamente. Essas palavras não recaem na “vibração lírica” das notas musicais: “Há sempre um fenômeno, uma combinação de palavras, uma concatenação de notas que tocam nossa alma como se fosse a própria coisa” (HOFMANNSTHAL, 2017, p.84-85), lemos em uma carta de 1895 de Hugo von Hofmannsthal. Aqui o poeta austríaco se refere a um ideal de contato entre as vibrações interiores do poeta e as formas da matéria. Esse é um tema privilegiado da lírica, onde as coisas se emocionam, por exemplo exprimindo alegria ou exprimindo dor. Essa poesia, em geral, dissolve as palavras na sua musicalidade ou simplesmente concebe imagens produzidas às custas de um retorcimento da sintaxe. É uma forma líquida ou gasosa porque as palavras se misturam na concatenação necessária de som e sintaxe. Através dessa lírica o poema conseguiu libertar-se do objeto, podendo contornar as coisas sem mencioná-las, sugerir-las sem citá-las. Foi um aprendizado em relação ao regime existente das coisas. No entanto a poesia de Francis Ponge não se situa no conjunto dessa lírica: se forma dela, mas para

realizar outro percurso. O crítico Michel Collot escreve que há em Ponge “um certo lirismo que não consiste em exprimir movimentos interiores”, mas “uma emoção que nasce do contato com as coisas exteriores e que pode se tornar a fonte de ‘sentimentos desconhecidos’” (COLLOT, 2018, p.73). Na medida em que se liberta do desejo de expressão da gramática afetiva da lírica, Ponge explora as coisas posicionando-se em outro lugar. Um lugar fora da interioridade musical. É por isso que a sua poesia não pode ser líquida nem gasosa. Apenas “sólida”. Jean-Paul Sartre trata, à sua maneira, desse assunto, ao debater como Ponge não se inseria na escola pictórica de Elstir, o pintor-personagem de Marcel Proust: “Elstir [...] transmutava a terra em água. Aqui [em Ponge] sentimos que o fundo das coisas é sólido.” (SARTRE, 2005, p.261). Isso não significa que os poemas de Ponge são destituídos de movimento ou metamorfose, pelo contrário, ele tenta captar a cintilância dos movimentos das coisas, porém o movimento é captado solidamente, com palavras sólidas, com peso, textura sólida, firmeza e contorno.

As pessoas e as coisas

“As coisas, embora tenham sido dadas ao homem em comum, acabam sempre por recair na disponibilidade de um proprietário” (ESPOSITO, 2016, p.17), escreve Roberto Esposito. O pensamento arqueológico de Esposito em *As pessoas e as coisas* demonstra a relação constituída entre pessoas e coisas, no Ocidente, como progressiva introjeção do objeto no interior mesmo da concepção de sujeito. A noção de “proprietário das coisas” adentrou a relação do sujeito consigo. Tal gramática pode ser identificada na filosofia de John Locke, por exemplo, onde a categoria de pessoa se autoidentifica na racionalidade e nas responsabilidades da ação, na posse de si mesmo, e no reconhecimento, por conseguinte, de um outro que é objeto do eu racional.

Nessa arqueologia também Kant se aproxima do mesmo léxico quando escreve: “alguém pode ser seu próprio senhor, porém não está capacitado a ser o proprietário de si mesmo” (*apud* ESPOSITO, 2016, p.40). O que define a coisa, então, é a sua apropriabilidade, o regime das coisas é o da sua apropriabilidade potencial. E a noção de pessoa vai se constituir, cada vez mais, em relação às coisas. Esposito demonstra que o discurso do direito vai contemplar as coisas

“antes das pessoas”, porque a noção de pessoa está socialmente vinculada aos objetos de sua posse.

Ao mesmo tempo, o que sucede ao mundo das coisas? As coisas possuem o seu mundo. E a aparente neutralidade com que configuram o mundo humano é consequência de naturalizações da sua parcialidade. Os objetos dispostos na mesa estabelecem uma realidade através da imagem, através de sua tatabilidade e da ideia que fazemos deles etc. A maneira como os objetos reagem, interagem, na sua visibilidade, nos olha em retorno quando olhamos para eles. A maneira como os utilizamos ou não utilizamos também nos afeta. Eles possuem, Esposito chega a dizer, “uma espécie de vida subjetiva” (p.03).

Quais as intenções do filósofo em organizar tal diagnóstico? Ao traçar a genealogia da relação entre as pessoas e as coisas, no Ocidente, o filósofo está preocupado em identificar uma determinada ordem simbólica – forte o bastante para interditar possibilidades do nosso conceito de pessoa, isto é, certa maneira pela qual concebemos a nós mesmos.

Encontrando no cerne do conceito de pessoa a introjeção do objeto, Esposito acaba por sugerir uma necessidade de reconfiguração simbólica nas nossas relações com os objetos. Desfazer a “apreensibilidade” do objeto e sua consequente “desapropriação” poderia resultar numa desapropriação de nós mesmos. O gesto político fundamental nesse pensamento é desestabilizar, portanto, a maneira como lidamos com as coisas. Isto nos leva ao campo da poesia moderna.

Quase se poderia dizer da água que ela é louca

Poderíamos encontrar múltiplas mostras do problema da “coisa” em uma pesquisa da literatura anterior a Ponge. A nível “cósmico”, Fausto já sofria em não conseguir penetrar na verdade das coisas (sentindo apenas os instrumentos de trabalho escarnecerem dele: “cilindros, palhetões, cinzéis” (GOETHE, 2004, p.85) nunca revelando nada, em todas as tentativas de “arrancar o véu” da natureza). Mas, pontua Sartre, “Ponge não é tão ingênuo” (SARTRE, 2005, p.239). Ele gostaria de escrever as coisas do ponto de vista das coisas, no entanto já pressupõe que isso não está ao seu alcance. Ponge também não repete o programa literário de André Gide, não deseja realizar uma “estetização da natureza”, transpondo-a para o poema no intuito de criar harmonias estéticas:

“Ponge quer tão somente emprestar sua linguagem a todas essas palavras afundadas, atoladas, que surgem em torno dele” (p.244), escreve Sartre.

Ponge reconhece o materialismo da linguagem, a linguagem como produto humano, sem relação “mimética” imediata com as coisas. Por que descrevê-las então? Qual a proposta de Ponge, na leitura de Sartre? “Sua contemplação é ativa, pois destrói nas coisas a ordem social que nelas se reflete” (p. 248). Ou seja, essa poética projeta nas coisas a luta interna instituída pela ordem humana, tomando o partido contra o mero uso (cego, surdo) que homogeneiza todos os objetos em nome da sua *utilidade* instrumental. A “contemplação ativa” é o olhar que não cessa de “tomar uma posição” sobre cada coisa no interior de cada coisa, como se ao desorganizar as suas ordenações ele desorganizasse tudo o que nós compreendemos como o universo, inclusive nós mesmos, indicando a proximidade com o pensamento de Roberto Esposito. Em um trecho do poema “Água”, Ponge escreve: “Quase se poderia dizer da água que ela é louca” (PONGE, 2000, p.103). Na leitura de Sartre sobre esse trecho fica nítido o conflito da ordem humana no campo da nomeação: “Quem não vê que nessa passagem não é a água que recebe um novo traço, mas antes a loucura que sofre uma metamorfose secreta?” (SARTRE, 2005, p.260)

Enquanto Ponge contamina as coisas com palavras produzidas pela ordem humana, ele também contamina a ordem humana pelo potencial de abertura das coisas, a sua capacidade inerente de nunca ser aquilo que nós estamos vendo delas: “Se ele empresta aos minerais condutas humanas, é com o intuito de mineralizar os homens.” (p.262). Mas Ponge, como se sabe, não descreve apenas “coisas” da natureza, ele possui, na verdade, especial predileção pelas coisas “humanas”, produzidas pelas pessoas. Esses objetos “úteis” inteiramente esvaziados de sentido na cotidianidade (como as palavras) recebem o conflito de uma nova nomeação.

A política de Francis Ponge

Para compreender a política que subjaz nos poemas de Ponge, devemos posicionar esse campo fora da leitura tradicional do poder ou da disputa pelo poder; a política, nesse sentido, seria uma política estruturada a partir do visível ou dizível, na distribuição do “natural”, do “universal” e do estranhamento. Compreendendo a política dessa maneira é que Jacques Rancière falará de uma

outra forma de eficácia da arte, uma eficácia errante, eficácia da separação, "da descontinuidade entre as formas sensíveis da produção artística e as formas sensíveis através das quais os espectadores, os leitores ou os ouvintes se apropriam desta." (RANCIÈRE, 2012, p.56). Em suma, o rompimento do *continuum* entre causa e efeito sobre intenção e recepção. No livro *Política dos poetas* o autor trará a ideia de que o poeta participa do pensamento político de uma forma peculiar, com um não pertencimento, ao "ignorar os usos da política" (RANCIÈRE, 1992, p. 9-20).

Quando Ponge escolhe seu tema, ensaiando retirar-se da infinita conversa da lírica, quando afirma: "Eis a definição das coisas que amo: são aquelas de que não falo" (1997, p.106), ou quando conclui: "O melhor é escolher assuntos impossíveis, são os assuntos mais próximos: a toalha... Para assuntos desse tipo, nenhuma ideia preconceituosa, dessas que se enunciam claramente..." (1997, p.119), ele opta pelo silêncio a respeito do que a lírica nunca cessou de falar. Quanto mais elabora o poema, menos explicita o que, por assim dizer, chamamos de coração. Isso se dá porque o programa de fundo de sua obra não é o de observar os objetos e consertá-los através do concreto da palavra, mas, antes, revirá-los com tamanha insistência que o familiar se afaste, que o familiar, por um segundo ao menos, torne-se irreconhecível. Esse tornar distante o próximo, feito nos versos de "A mesa", não acontece por obstinação, mas da única forma praticável: por acidente. Tornar distante o próximo é, para alguns, condição necessária para qualquer acontecimento. E ao colocar seus objetos no arco de "assuntos impossíveis", como diz sobre a toalha: "O melhor é escolher assuntos impossíveis", Francis Ponge busca falar de uma coisa que, no entanto, se irradia para todo não-dito, concentrando as possibilidades do objeto em inumeráveis rascunhos. Marcel Duchamp escreve que os objetos do *ready-made* são escolhidos, exatamente, "por sua trivialidade" (DUCHAMP, 1986, p.69), imprimindo, como se sabe, *uso inútil* para o objeto.

A descontinuidade entre intenções e consequências não implica ausência de efeito político, mas perda de todo controle do circuito de recepção da obra pelo poeta. O poema entra na história e passa a ser gerado por razões políticas que tornam seu efeito como que anárquico. Ele se perde da intencionalidade dos poetas bem intencionados. Ao falar da laranja, da ardósia, do pão ou da mesa, os objetos recebem os espectros de outras versões possíveis de si mesmos. As coisas, quando aparecem em Ponge, não são coisas entre outras coisas, como

no pano de fundo das narrativas de drama de ação. Mas o "mesmo", sempre inacabado, diante de seus outros. A consequência política disso se relaciona com tudo o que ele faz questão de calar e, contra a vontade, ainda assim transmite. Então, se um dia lançarmos a toalha de Ponge no mundo, nós não reconheceremos a nossa, inteiramente a mesma na sua cotidianidade, desbotada, pendurada no banheiro ou sobre a cama. A toalha como "assunto impossível" é irmã do "cotidiano impossível", ao qual não temos acesso. Ainda assim, a poética de Ponge não deseja aquela magia do choque à maneira surrealista. O cotidiano revirado de Breton em "A beleza será convulsiva, ou não será" (BRETON, 2007, p.146), pouco interessa, o mundo em Ponge é retilíneo na entonação e no teor das imagens. Ele não se interessa em causar uma "perturbação" através da linguagem, mas tenta redesenhar, através das formas, o *como* apreendemos as coisas, indicando uma visibilidade específica ao objeto que agora pode se tornar outro objeto, na transfiguração de tudo o que ele agora nos diz. O que se abre no poema fica à espreita, simplesmente, como tudo no cotidiano que não nos ocorre porque é impossível nos ocorrer no estado presente de tudo.

Então, para nos aproximarmos do efeito político da poesia de Francis Ponge, devemos prever a relação dos possíveis, os inúmeros possíveis, que nos levam, hesitantes, à dimensão do impossível. O impossível que só pode ser atingido quando se está à procura de outra coisa. Este que aparece na miragem do esquecimento, quando, afinal, a condição de poema leva àquilo que Derrida chamou de "comemoração da amnésia" (DERRIDA, 2001, p.115), quando, indo mais além, Derrida também nos diz: "o poema se deixa despedaçar sobre aquilo que vem sobre ele" (p.116). Assim, nos aproximando de um Ponge que, segundo Andre Bellatorre, convida constantemente a ver duplo, pois seus textos ao mesmo tempo que descrevem o objeto, nos falam de uma outra coisa (2004), os poemas de Ponge retornam a outros mundos pela via do cotidiano. É o cotidiano o lugar político por excelência. É nele que o impossível, não sendo o inexistente, mas o impensável no estado atual de possíveis, recebe apelo da mesa, do pão, da laranja, da toalha...

uma espécie de fim do mundo que não tivesse as imagens tempestuosas do profeta de Patmos, mas os versos de "A mesa": "Todo encanto da mesa é que ela está aí" (PONGE, 2002, p. 33).

Referências

- BELLATORE, André (2004). "Le Savon ou l'exercice du lecteur", In GLEIZE, Jean-Marie (dir.). *Ponge, résolument*. s.l.: ENS Éditions.
- BRETON, André (2007). *Nadja*. trad. Ivo Barroso. São Paulo: Cosac Naify.
- COLLOT, Michel (2018). *A matéria-emoção*. trad. Patricia Silva. Rio de Janeiro: Oficina Raquel.
- DERRIDA, Jacques. "Che cos'è la poesia?". *Inimigo Rumor*. trad. Tatiana Rios e Marcos Siscar. n. 10, (2001), (pp.113-116)
- DUCHAMP, Marcel (1986). "O ato criador", In BATTCKOCK, Gregory. *A nova arte*. trad. Cecília Prada; Vera Toletto. São Paulo: Perspectiva.
- ESPOSITO, Roberto (2016). *As pessoas e as coisas*. trad. Andrea Santurbano; Patricia Peterle. São Paulo: Rafael Copetti Editor.
- GOETHE, Johann (2004). *Faust: Uma tragédia - Primeira parte*. trad. Jenny Segall. São Paulo: Ed. 34.
- HOFMANNSTHAL, Hugo (2017). *As palavras não são deste mundo*. trad. Flávio Quintale. Belo Horizonte: Ed. ÂYINÉ.
- PONGE, Francis (1997). *Métodos*. trad. Leda Motta. Rio de Janeiro: Imago.
- _____ (2000). *O partido das Coisas*. Ignacio Neis; Michel Peterson (orgs.). São Paulo: Iluminuras.
- _____ (2002). *A Mesa*. trad. Ignacio Neis; Michel Peterson. São Paulo: Iluminuras.
- RANCIÈRE, Jacques. "Política da literatura". *A!* trad. Renato Pardal Capistrano. v.05, n.05 (2016), p.110-131.
- _____ (1992). "Préface de Jacques Rancière", In *La politique des poètes*. Pourquoi des poètes en temps de détresse?. Paris: Albin Michel, (pp.09-20).
- _____ (2012). *O espectador emancipado*. trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes.
- SARTRE, Jean-Paul (2005). *Situações, I*. trad. Cristina Prado. São Paulo: Cosac Naify.